PSICOLOGIA DO ESPORTE E ARBITRAGEM ESPORTIVA: ESTUDOS DE UMA PROFISSÃO

Rafael Castro Kocian[1], Henrique Moura Leite Botura[2], Tiago Lavoura Nicola[2], Marcelo Callegari Zanetti[2] Afonso Antonio Machado[3]

[1]LEPESPE/ D.E.F./ UNESP – RIO CLARO e UNIP-campus RIO PARDO; [2]LEPESPE/ D.E.F./ UNESP – RIO CLARO; [3]LEPESPE/ D.E.F./ UNESP – RIO CLARO e ESEF – JUNDIAÍ.

RESUMO

Não foge aos olhos do telespectador ou de qualquer membro envolvido diretamente no evento esportivo, (seja este atleta, treinador, dirigente, patrocinador, etc.), que a figura do árbitro é historicamente ligada a polêmica, injustiças do tipo "o árbitro me prejudicou", e até corrupção (haja visto famosos e recentes casos de jogos "comprados", como no Campeonato Brasileiro de Futebol de 2005). Todos esses fatores mistificam, expõem e tornam a figura do árbitro como crucial para o desenvolvimento de um esporte. Analisar os aspectos da autoridade e os objetivos e atitudes próprias, leva-nos a entender das relações inter-grupais com que teremos que lidar, no desenvolvimento da profissão: a autoridade do árbitro é mais um elemento a ser trabalhado, num jogo entre dois grupamentos sociais diferentes.O objetivo do trabalho foi verificar junto aos árbitros de basquetebol aspectos positivos e negativos de sua profissão, bem como os momentos mais difíceis da partida. Trabalhamos com uma análise qualitativa, seguindo roteiros preestabelecidos e buscando coletar dados através da pesquisa ação, utilizando questionários junto a 30 árbitros de basquete de alto nível do estado de São Paulo, filiados e representantes da Federação Paulista de Basquetebol e de diferentes Associações Regionais de Basquetebol. Como resultados obtivemos que 80% dos árbitros eram praticantes da modalidade, e que a maioria parou com a prática para estudar ou trabalhar, e que desenvolve essa atividade para manter contato com o basquetebol. O principal ponto positivo apontados foi conhecer pessoas e cidades, além do status que a profissão proporciona; como pontos negativos tiveram a falta de tempo livre e falsidade entre os colegas. Foi apontado como momento mais tenso da partida o final. Todos os pontos levantados mostram que esse segmento esportivo carece de mais estudos e trabalhos da psicologia do esporte, uma vez que essa profissão é de suma importância ao esporte e, que muitas vezes sua atuação pode prejudicar ou beneficiar uma entidade ou pessoa.

Palavras chave: arbitragem, estados emocionais, basquetebol.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o papel da arbitragem, seja esta em nível de esportes coletivos ou individuais; esportes com ou sem bola, corridas, lançamentos, arremessos, ou esportes de contato físico (lutas), vêm sendo para muitos dos árbitros encarado como profissão. Profissão não apenas no sentido da remuneração, mas também no sentido de dedicação, empenho e desenvolvimento de estudos para aprimoramento.

Não foge aos olhos de qualquer telespectador ou qualquer membro envolvido diretamente no evento esportivo, (seja este atleta, treinador, dirigente, etc), que a figura do árbitro é historicamente ligada a polêmica, injustiças do tipo "o árbitro me prejudicou", e até corrupção (haja vista famosos e recentes casos de jogos "comprados", como no Campeonato Brasileiro de Futebol de 2005).

Todos esses fatores mistificam, expõem e tornam a figura do árbitro como crucial para o desenvolvimento de um esporte.

Analisar os aspectos da autoridade e os objetivos e atitudes próprias, leva-nos a entender das relações inter-grupais com que teremos que lidar, no desenvolvimento da profissão: a autoridade do árbitro é mais um elemento a ser trabalhado, num jogo entre dois grupamentos sociais diferentes.

Quando trabalhamos com o esporte, seja ele de alto nível, seja ele escolar ainda em formação, notamos que em qualquer competição existe o árbitro. O fenômeno esportivo cresce a cada dia, ou seja, cada vez mais as pessoas praticam esportes, ou ao menos interessam por algo ligado ao esporte.

Esse interesse torna a figura do árbitro marcante não apenas para quem pratica, mas para quem assiste também, ou seja, o árbitro é parte integrante do fenômeno esportivo, sendo um dos elementos do jogo (BOUET, 1990).

Esse elemento no caso, interfere diretamente no andamento da partida, seja fazendo o cumprimento das regras corretamente, seja erroneamente. Por isso em nossa área é de suma importante estudarmos a interferência do árbitro no jogo e a influência do meio no árbitro, uma vez que nossas equipes estarão submetidas ao trabalho dos "homens do apito".

REFERENCIAL TEÓRICO

Em qualquer esporte existem líderes dentro e fora das quadras, campos, piscinas, tatames, etc. Em esportes coletivos, por exemplo, existem o técnico, o capitão da equipe e um jogador que esporadicamente um jogador que aparece em certas partidas como destaque. Mas o que se esquece é de um líder que faça parte do contexto da partida, aquele que controla, regulamenta e interfere dentro de quadra: o árbitro.

O árbitro, assim como os jogadores, têm que se preparar para as competições que irá arbitrar. As competições desportivas podem ser consideradas de formas diferentes. Quando treinamos, conseguimos nos preparar para as competições desportivas. Nestes treinos nos aproximamos das situações reais da competição. Na competição, o árbitro pode obter um desempenho superior aos de seus treinos, devido à experiência nesta, que influencia em grande parte nas cargas emocionais. Já, quando o árbitro participa de competições, consegue estar preparado para estas, além de acostumar-se a cargas elevadas de partidas. A parte emocional e o rendimento são adquiridos através das competições após treinamento e preparação para estas (SAMULSKI , 2002).

Liderança e arbitragem

Segundo Cagical (1978), existe um modelo de líder que incorpora dois modos aproximados que se chamam "facilidade de observação", como grau de conhecimento da ação que está acontecendo, devido à sua posição em um espaço; e a "visibilidade" que pode ser explicada como a aparência do que está acontecendo em quadra e vista por espectadores, técnicos, mesários e jogadores.

Podemos ver que o líder deverá estar sempre buscando formas de observar a partida de uma maneira facilitada para conseguir controlá-la de acordo com as regras da partida e da modalidade em questão (SCHEINES, 1992). Esta proposta nos faz observar que o árbitro deverá encontrar formas de observar os jogadores para poder evitar as faltas e violações.

Assim, o árbitro concluirá que sempre deverá ter conhecimento sobre a partida, não só em teoria, mas também prático como a mecânica de arbitragem que, se bem feita, facilita a atuação dos árbitros. A arbitragem deve conhecer a partida em todas as visões, sejam elas de jogadores, técnicos, mesários e torcida, para não exercer a sua liderança na hora errada.

Existe um preceito que diz que as pessoas que estão envolvidas com alguma partida podem trazer seus problemas pessoais para dentro da quadra, ou seja, de fora para dentro de um contexto de pressão e tensão que pode ser aliviado durante a partida (FIORESE, 1989).

Percebemos que a competição é importante para o desenvolvimento da forma esportiva. A competição, por si só, não pode preparar o árbitro para qualquer tipo de situação de quadra. Cada competição difere da outra segundo características psicológicas (estado psíquico dos competidores e dos árbitros), técnicas específicas (jogadores e árbitros) e condições físicas dos competidores e árbitros.

É necessário que o árbitro participe de vários tipos de competições, com diferentes equipes, que jogam de diferentes formas, e com árbitros diferentes, que trabalhem de forma diferente da sua. Isto é necessário para que um árbitro não se acostume só com um tipo de arbitragem.

Quando existe uma variedade de competições o árbi9tro consegue adaptar – se com maior facilidade a qualquer situação nova para ele.

As competições em que o árbitro irá participar será de acordo com sua categoria, portanto podemos dizer que existem competições preparatórias (árbitros que estão começando junto à árbitros experientes), as importantes (árbitros mais avançados com árbitros mais experientes) e as principais que serão arbitradas por árbitros internacionais.

Inevitavelmente o árbitro pode ser substituído quando está tendo uma má atuação. O jogador, quando o técnico vê necessidade, pode ser substituído para se acalmar, receber instruções, sofrer retoques com relação ao seu desempenho. Isso vale também para um pedido de tempo próprio. Já o árbitro, não recebe este benefício, devendo estar concentrado na partida, tentando separar o cotidiano do momento, (THOMAS, 1981 e OLIVEIRA, 1988) contrariando o pensamento de Fiorese (1989).

Isso é muito difícil, mas não impossível. O árbitro deverá criar o hábito de se concentrar durante as horas em que estiver envolvido com a partida, tornando assim seu trabalho mais produtivo. Esta concentração deverá estar em um nível de motivação ideal, ou seja, nem baixa, nem alta. O objetivo é fornecer condições que possibilitarão uma melhor atuação sem estimular até um nível de motivação que possa prejudicar a arbitragem.

Nenhum árbitro pode ir para uma partida sem um objetivo ou só com o de "apitar". Ele deve pensar em coisas que o façam ter vontade de estar aonde ele chegou ou quer chegar (MACHADO, 1998 e 1992) . Esta motivação vem de necessidades, das prioridades que todo profissional sente.

O árbitro deve pensar em seu prestígio em relação ao público, jogadores, técnicos e comentaristas; sua auto – afirmação, sucesso, reconhecimento, ambição e postura, superação de erros e aceitação devem ser sempre revistas, a cada momento da carreira: as necessidades movem as pessoas, e a necessidade de cada árbitro deve ser um motivo em sua carreira.

Autoridade do árbitro

Os líderes escolhidos por nomeação devem conseguir aos poucos sua autoridade, já que esta nomeação pode ser alterada ou mudada. Da mesma forma, as pessoas que conseguem chegar a um ponto por si só precisam ser confirmadas como líderes para que sua autoridade seja válida e, esta confirmação acontecerá quando o grupo social validar a posição do profissional, em função do próprio grupo e de sua atuação (LIMA, 1991)

O árbitro pode adquirir esta experiência com o tempo (experiência), e, também, de certa forma, a partir de sua categoria. Os jogadores e técnicos preferem não arriscar a complicar a partida quando esta está sendo dirigida por um árbitro internacional. Reconhece – se aqui, o status atingido em função do tempo e do nível de trabalho apresentado. Esta autoridade adquirida pode ser mantida, através da manutenção do nível de trabalho.

A autoridade de um árbitro pode, também, ser vista em sua escala de trabalho. Quem organiza a escala funcional pensa no que aquela partida representa e decide quem irá arbitrar (MACHADO, 1997 e 1992). As realizações passadas e presentes, além de seu histórico irão contar bastante, uma vez que todos estes componentes nos permitirão analisar a pessoa que os desempenham.

METODOLOGIA

Optamos por utilizar, para este trabalho, uma pesquisa do tipo qualitativa, seguindo roteiros preestabelecidos e buscando coletar dados através da pesquisa ação, utilizando questionários junto a árbitros de basquete de alto nível do estado de São Paulo, filiados e representantes da Federação Paulista de Basquetebol e de diferentes Associações Regionais de Basquetebol, sendo 27 oficiais de quadra e 03 oficiais de mesa, sendo 28 homens e 02 mulheres. Foi garantido aos sujeitos sigilo absoluto e todos os sujeitos preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Nosso questionário continha cinco questões abertas, havendo também, antes das mesmas, um cabeçalho de identificação dos sujeitos, contendo função, idade, sexo, tempo que trabalha com arbitragem no basquete. Foram realizadas as questões no quadro a seguir:

1 – Você já praticou a modalidade que arbitra? Por quê parou?
2 – Por qual motivo você escolheu seguir a carreira de árbitro?
3 – Quais são os pontos positivos e negativos da sua função?
4 – Na sua opinião de forma geral, qual o momento mais tenso de uma partida de basquete?
5 – Qual a principal dificuldade que você encontra no exercício da sua função especificamente falando de quadra?

RESULTADOS e DISCUSSÃO

O perfil de nossos sujeitos apresentou-se como homem, oficial de quadra, com média de idade 30,5; sendo o sujeito mais novo com 20 anos e o mais velho com 48. O tempo de trabalho dos sujeitos variou de 02 a 28 anos com média de 9,33. os gráficos abaixo representam o perfil encontrado.

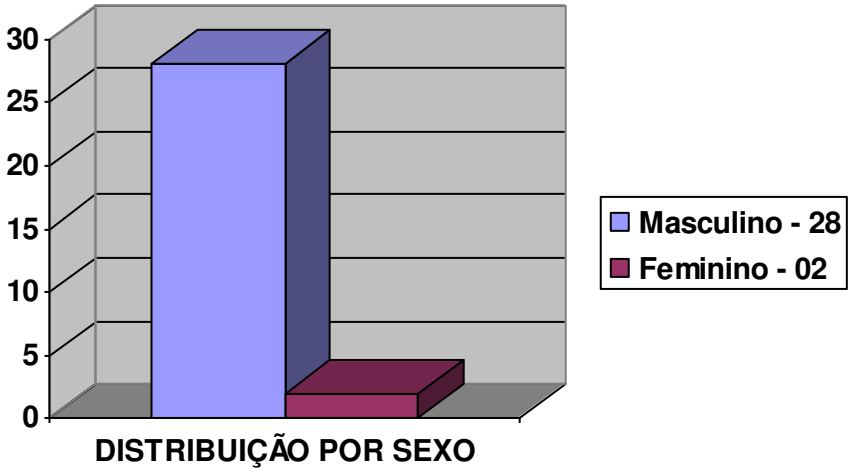

Gráfico 01 – Divisão dos sujeitos por sexo.

Após conhecermos os nossos sujeitos através do cabeçalho o primeiro passo do trabalho seria conhecer a história do nosso árbitro dentro do basquetebol. Para isso perguntamos se o sujeito havia jogado basquetebol, e por qual motivo parou. Como resultado obteve-se que 80% dos árbitros haviam praticado a modalidade. Na parte complementar da questão podemos verificar que boa parte dos entrevistados abandonou a prática pelos seguintes motivos.

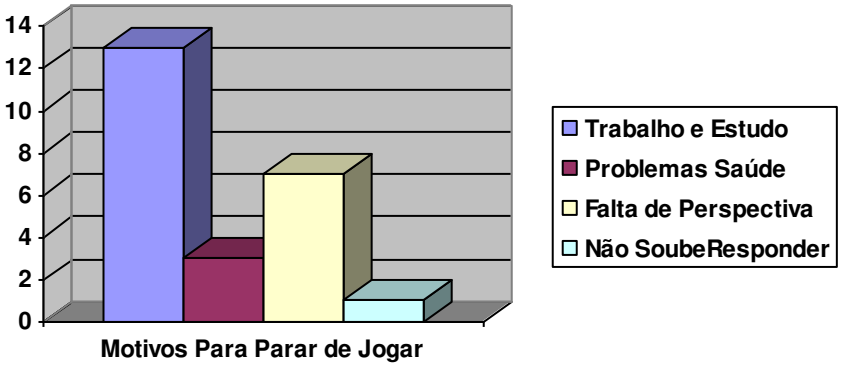

Gráfico 02 – Motivo Pelos Quais os Entrevistados Pararam com a Prática do Basquetebol.

Podemos destacar nessa questão que grande parte dos entrevistados parou por conta dos estudos e do trabalho, além disso, destaca-se a falta de perspectiva no esporte, seja ela:

"...o basquete profissional no Brasil não dá dinheiro...", levantada pelo sujeito 13, ou, "...parei pois não tinha habilidade para ser jogador...". Em ambos os casos os sujeitos decidem trocar o basquete por outra atividade.

Na segunda questão foi verificado qual o motivo que os levou a ser árbitro. Maciçamente, nossos sujeitos responderam que gostariam de continuar a ter contato com o basquetebol, outra parte

considerável nos mostra que os motivos são profissão, desafio e dinheiro extra como forma de complementar a renda.

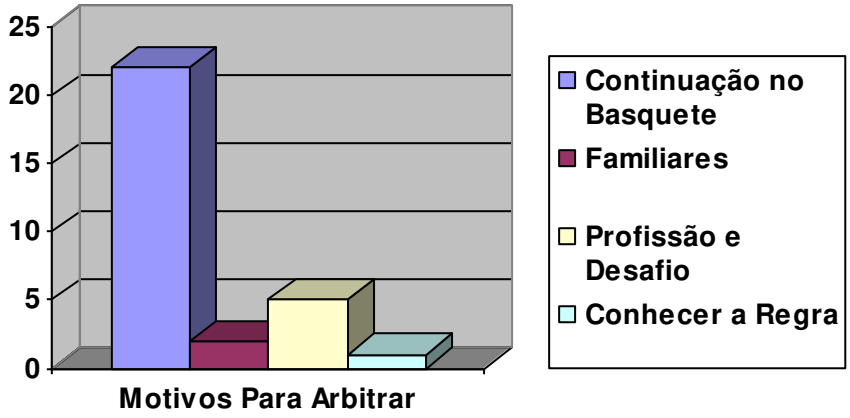

Gráfico 03 - Motivos que os sujeitos trabalham com arbitragem.

Podemos destacar algumas falas que enriquecem o gráfico apresentado. O sujeito número 02 nos mostra a seguinte fala, "... a arbitragem é uma forma de substituir o esporte..."; verificamos o sujeito 07 que enfatiza o desafio de ser árbitro: "... essa nova profissão é um desafio...", e por fim, o sujeito 11 que dá indicações do modelo familiar, "... seguir meu pai que foi excelente árbitro...".

Na terceira questão gostaríamos de verificar na visão dos árbitros quais pontos positivos e negativos existentes nessa atividade. Como resposta obtivemos:

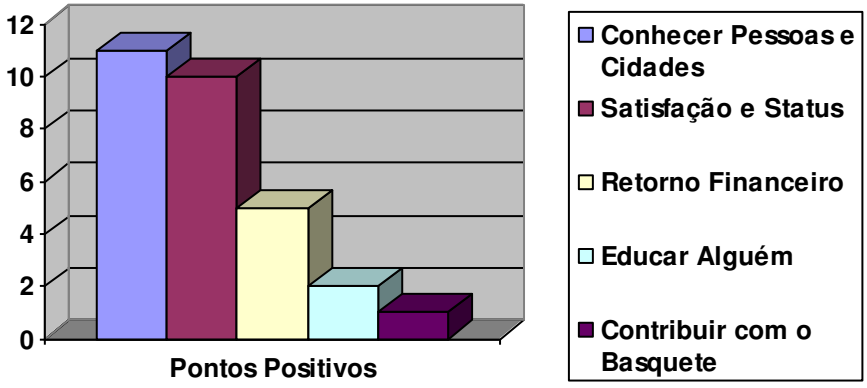

Gráfico 04 - Pontos positivos de ser árbitro.

Analisando as respostas, verificamos que a maior parte das respostas se encaixa em benefícios pessoais ao árbitro, tais como: conhecer pessoas e locais, retorno financeiro e status. Essa idéia vai contra aos princípios apresentados na questão anterior onde a maioria dos entrevistados citou a continuidade e amor ao basquete como motivo principal para a escolha da profissão árbitro.

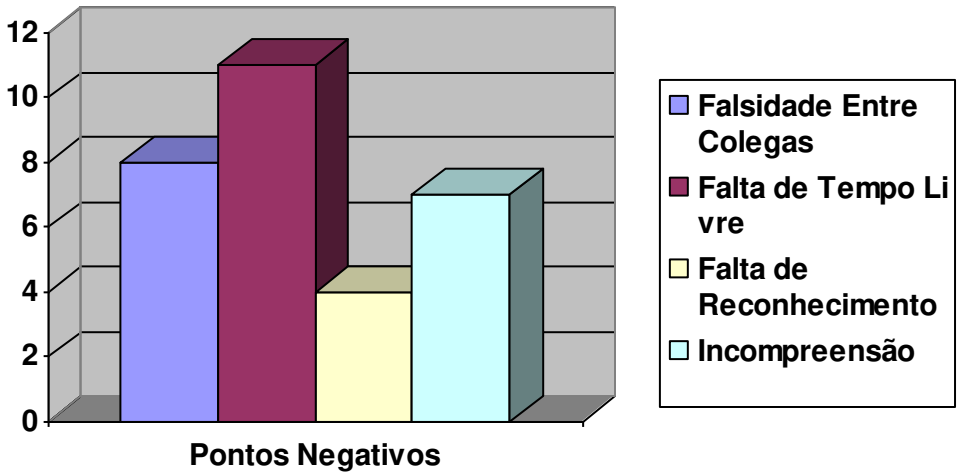

Gráfico 05 – Pontos negativos de ser árbitro.

Verificamos neste gráfico uma proximidade grande entre as respostas aferidas, sendo predominante a falta de tempo livre do árbitro, prejudicando assim, o lazer do indivíduo.

Na quarta questão levantamos qual seria o momento mais "tenso" do jogo, e como respostas obtivemos:

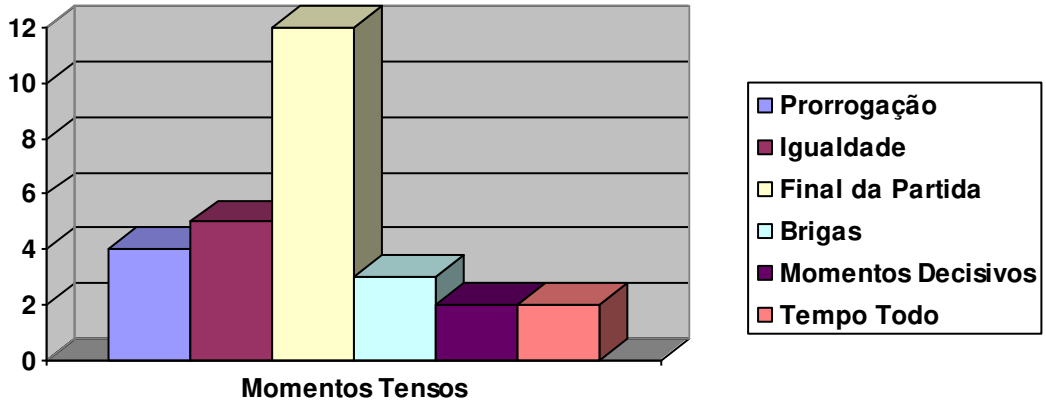

Gráfico 06 – Os momentos mais tensos da partida.

Fazendo análise do gráfico acima verificamos que os momentos mais tensos estão alocados no final da partida, porém, não podemos desprezar que pode haver combinação deles, como por exemplo briga em um momento de igualdade no final da partida, o que tornaria o momento carregadamente tenso. Segundo o sujeito 5, temos: "...no final da partida o atleta não tem nada a perder, podendo se descontrolar e machucar alguém..."

Chama atenção a resposta momentos decisivos, que é todo o momento (no início, meio ou fim da partida), em que uma equipe poderá estar definindo o rumo da partida.

Na quinta questão, gostaríamos de levantar quais são as principais dificuldades para o exercício da profissão, especificamente falando de quadra. Como resposta obtivemos:

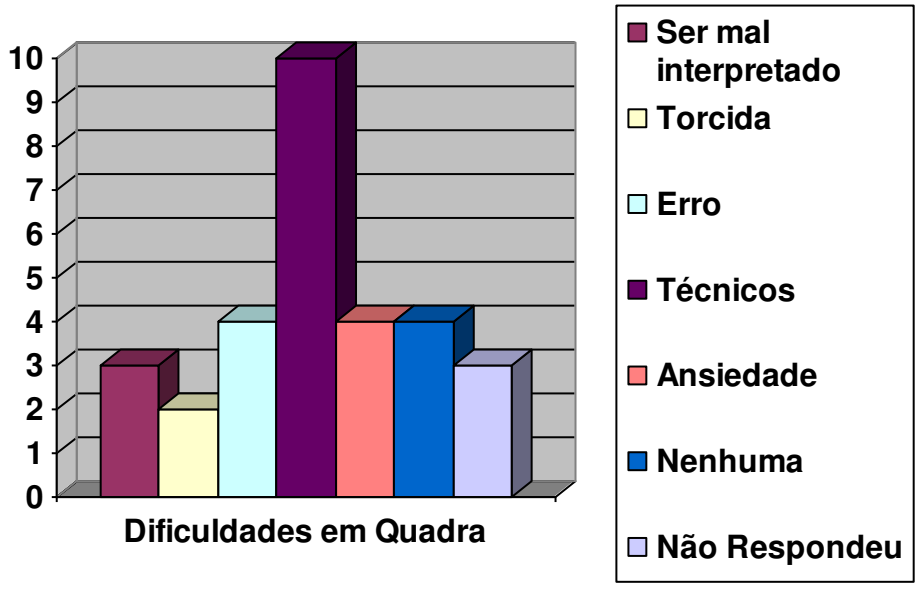

Gráfico 07 – Qual a principal dificuldade para o exercício de sua profissão?

Para os árbitros a maior dificuldade para o exercício da profissão é atuação dos técnicos, que em muitas vezes desconhecem as regras do esporte. Podemos exemplificar isso na fala do sujeito 11: "... muitos treinadores desconhecem a regra e por isso reclamam da arbitragem...".

Todos os aspectos levantados são de extrema importância para o desenvolvimento da arbitragem, e muitas delas da alçada da psicologia do esporte, como atuação da torcida, ansiedade, ser mal interpretado.

CONCLUSÕES

Através da apresentação e discussão dos resultados, encontramos que no universo pesquisado, a maioria dos árbitros tem uma história de envolvimento com a modalidade que trabalha, sendo em grande parte ex-praticante. Além disso, os motivos que os levaram a trabalhar com arbitragem é justamente continuar na modalidade. Essa história de identificação nos remete a um campo afetivo, onde o árbitro expressa sentimentos.

Podemos concluir também, que essa profissão remete a pontos positivos e a pontos negativos. Esses pontos em sua maioria estão ligados as emoções, podendo influenciar na atuação do árbitro, principalmente, pois esse é um líder e sua figura influencia diretamente nas ações dos personagens envolvidos no espetáculo esportivo.

Por fim, para a maioria dos árbitros os momentos finais do jogo são os mais tensos, pois para estes, são os momentos decisivos, por esse motivo também o árbitro deverá ter um preparo físico, técnico e psicológico para poder desempenhar sua função a fim de evitar erros que possam prejudicar alguém ou alguma equipe, ou por outro lado, beneficiar alguém ou alguma equipe. Sugerimos então, novamente a atuação de um profissional da psicologia do esporte.

REFERÊNCIAS

BOUET, M. **Signification du sport.** Paris: P.U.F., 1990.

CAGICAL, J.M. **Deporte:** pulso em nostro tiempo. Madrid: Editora Nacional, 1978.

FIORESE, L. Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes, in: **Revista Fund. Esportes e Turismo**, 1 (2): 23 – 31, 1989.

LIMA, T. **Competições para jovens.** Lisboa: Horizontes, 1991.

MACHADO, A.A. **Interferência da torcida em agressividade e ansiedade de jovens atletas**. Rio Claro: UNESP (tese de livre docência), 1998.

MACHADO, A.A. **Psicologia do Esporte:** temas emergentes I. Jundiaí: Ápice, 1997.

MACHADO,A.A. **Aspectos psicopedagógicos da competição esportiva escolar**. Campinas: UNICAMP (doutorado), 1992.

MIRANDA, R; BARA FILHO, M.G. Estudos psicológicos do atleta competitivo. **Treinamento desportivo**, Lisboa, v.4, n 3, p.61-68, 1999.

OLIVEIRA, J. G. M. **Educação Física e o ensino de 1º e 2º graus:** uma abordagem crítica. São Paulo> EPU/ EDUSP, 1988.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte.** São Paulo: Ed. Manole, 2002.

SCHEINES, G. **As regras do jogo.** Rio de Janeiro: F.G.V., 1992.

THOMAS, A. **Psicologia del deporte.** Barcelona: Editorial Helder, 1981.